

Olhares, experimentos e conexões na rede

Por Brama Bremmer

Neste segundo texto crítico que escrevo para o FETO 2022, a proposta do festival foi reunir olhares sobre os Experimentos Cênicos "Vertigem", "aRgilOSE" e "Navalha D'água". Por se tratarem de obras criadas para a linguagem da internet, no YouTube, e entendendo a crítica como performance, como ação do corpo de registrar uma crise a partir dos afetos e afetações provocadas pelas criações artísticas, me propus também um desafio: é possível escrever uma crítica pelo celular?

Bem, como você me lê agora, a resposta é sim. Uma tecnocrítica. Uma crítica digital. Uma crítica pelos dedos no teclado do aparelho celular. Uma crítica no bloco de anotações, sim é possível. Em meu último texto aqui no FETO, em que falava do espetáculo "Gold", cheguei a ser questionada por uma artista se aquilo era uma crítica. Ora, não pode um poema ser um texto crítico a partir das reverberações de uma outra obra? Precisamos ampliar a ideia de crítica presente em nossos imaginários. E sendo esse um festival estudantil de teatro, de constante experimentação e renovação da linguagem, não poderia haver espaço melhor para reinventar os vocabulários de crítica já consolidados.

Passada essa introdução, falemos de "aRgilOSE". Neste experimento de artistas do Cicalt, de pouco mais de 7 minutos, chama a atenção a performance da atriz que nos guia durante as imagens na tela. Trazendo para a cena, temáticas e poéticas sobre ancestralidade, natureza, tempo e memória, esta corpa nos sensibiliza para pensar a nossa identidade no mundo. Elementos como voz em off, performance, imagens abstratas e um registro próximo ao documental, aproximam o trabalho das estéticas de videopoemas e documentários, ampliando também as possibilidades de cena que o chamado teatro na internet pode suscitar.

Em "Navalha D'água", esse alargamento das linguagens continua a ecoar. Numa série de 3 episódios, somos convidadas a adentrar um universo sonoro, numa espécie de radionovela, podcast, audiosérie, e tantas outras palavras que podemos inventar e evocar. Aqui se destaca a voz e a dramaturgia, bem como a performance vocal de atrizes e atores que instauram diferentes imagens e percepções em nossa experiência de ouvintes. Somos convidadas a estabelecer uma performatividade ativa para acompanhar histórias de diferentes personagens, que vão se desenvolvendo a cada episódio.

Destacam-se na narrativa as personagens Nicole e Louro, bem como as vivências de vidas LGBTQIA+ travestis e não-binárias. Pelo som, conseguimos refletir sobre homofobia, transfobia, questões de gênero e classe, que também aparecem em diálogos de pessoas que trabalham numa espécie de central de telemarketing e que, por vezes, também se reúnem numa mesa de bar. O trabalho de edição sonora ajuda a potencializar a experiência, que foi produzida por estudantes do Cefart, em BH.

Por último, direto da UFOP, em Ouro Preto, embarcamos numa "Vertigem", trabalho que se aproxima da linguagem dos videoclipes. Aqui, a edição da imagem e do vídeo é que potencializa a performance das artistas, numa obra que é definida pela coletiva criadora como um curta-metragem. Com uma trilha efervescente, entre o rock e o eletrônico, e cenas entre a dança, o espelho, o caleidoscópio e diferentes imagens, somos atravessados por um roteiro experimental e fragmentado, vertiginoso, como o próprio nome se faz.

Assim, vamos nos aproximando dos últimos momentos do FETO 2022. Mais uma vez, experiência muito rica e singular, de aprender com novas artistas e se colocar o tempo todo em auto-crítica. Com poesia e luta, seremos capazes de devorar o fascismo cruel que nos assola todos os dias. Com arte viva e pulsante, como a de diferentes artistas que estiveram nessa programação, ainda pode haver esperança de se aFETOar.